

Título do Resumo: Análise da decomposição de *Chelonia mydas* em ambiente marinho

Autores: José Carlos Rocha Júnior, Luciana Franco Verissimo e Paulo Lara

Grupo Taxonômico: Répteis - Quelônios

Área de Estudo: Métodos/Técnicas

Formato do Trabalho: Paineis

Palavras-chave: tartaruga marinha, carcaça, decomposição, encalhe, flutuabilidade

Muitos são os registros de encalhes de tartarugas marinhas mortas nas praias brasileiras. Este fato ocorre em diversas áreas, seja em locais de reprodução, alimentação ou migração. Em alguns casos estes animais morrem longe da costa, e são trazidos a praia pela ação das marés. Quando uma tartaruga marinha é encontrada morta na praia, a primeira preocupação é a causa da morte deste animal, principalmente se foi causada por algum fator antropogênico. São escassas as informações referente ao que ocorre com as carcaças de tartarugas após a morte em ambiente marinho, sendo assim raramente sabe-se há quanto tempo o animal esta morto. Estudos de decomposição podem auxiliar a prever este tempo de morte, e correlacionando com os ventos e as marés, saber a qual distância aproximada o animal veio a morrer, obtendo assim importantes informações referente ao habitat e rotas migratórias utilizadas. Este estudo foi realizado na Praia do Forte, litoral norte da Bahia. Uma tartaruga-verde (*Chelonia mydas*) juvenil foi submetida ao processo de decomposição natural em ambiente marinho. O espécime foi acondicionado em uma cerca de plástico maleável, na qual estava preso a uma bóia por uma corda de aproximadamente 15 metros, em uma profundidade de 20 metros. Saídas para acompanhamento da decomposição foram realizadas diariamente com um barco inflável. Eram anotadas todas as alterações visualizadas no animal, se havia algum tipo de organismo associado e também a flutuabilidade da carcaça. Quando a carcaça estava emersa foi considerada flutuabilidade positiva, quando encontrada submersa a flutuabilidade foi considerada negativa. O experimento durou 12 dias, tendo desaparecido quase 100% do animal. As primeiras alterações ocorreram na cabeça e pescoço, sendo que ao sétimo dia a tartaruga não apresentava a cabeça, apenas parte do pescoço. As nadadeiras também sofreram rápida decomposição, sendo o início observado ao segundo dia. A decomposição destas iniciou-se com o desprendimento das placas, seguido da pele e então a perda das extremidades. Ao nono dia as nadadeiras não estavam presentes, sendo até mesmo os úmeros desprendidos da carcaça. A carapaça e o plastrão apresentaram tempos de decomposição semelhantes. Sendo que ao final do experimento apenas parte da carapaça estava presente, porém sem o plastrão. Ao final de doze dias a carapaça apresentava apenas alguns ossos centrais e poucas vísceras associadas. A cloaca foi a região que iniciou a decomposição mais tarde, apenas soltando pouca pele do terceiro ao sexto dia. Porém ao oitavo dia restava apenas 50% e ao nono dia havia desaparecido por completo. Em relação à flutuabilidade, permaneceu positiva até o décimo dia, sendo que nos dois últimos a flutuabilidade foi negativa. Foram encontrados peixes associados à carcaça, sendo uma rêmora, alguns sargentinhos (*Abudefduf saxatilis*) e outros peixes menores. Não foram coletados dados referentes a pluviosidade, condições climáticas, temperatura do ar e

da água, direção e intensidade do vento. Recomenda-se que estes dados abióticos sejam coletados em próximos experimentos, pois são de grande importância para este estudo, visto que podem estar influenciando na decomposição destes animais. Também, o desenvolvimento deste experimento com um maior número amostral de espécimes, assim como a comparação da decomposição entre diferentes espécies e tamanhos de tartarugas marinhas.